

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC  
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL DE UNIVERSOS FEMININOS  
SUBJUGADOS**

PINTO, Heloisa Pereira<sup>1</sup>

FREYTAG, Rosane Salete<sup>2</sup>

**RESUMO**

O texto é resultado da pesquisa junto às mulheres de um espaço social constituído irregularmente (uma invasão) na cidade de Curitiba/PR. As quais são migrantes do interior do Estado, vivem uma condição de pobreza e submissão herdada da cultura masculina. Mesmo num tempo contemporâneo, não conseguiram superar a dor da dependência, do abandono, do analfabetismo, da identidade inferiorizada.

**Palavras-chave:** Mulher. Dependência. Memória. Subjugamento.

As investigações referentes à identidade cultural acerca da mulher recebem um olhar pontual nas últimas décadas, já que estabelecem uma relação de poder entre os sexos, visto a representação feminina de inserção no capital econômico, onde se estabelece uma relação nem sempre amistosa com o sexo oposto. Ela extrapola os espaços domésticos e tem o reconhecimento profissional, embora essa concepção não se estenda a todas as mulheres, as pesquisadas vivem um submundo alheio a essa condição, estão à margem da valorização e conquista social e econômica, vivem a cultura da estratificação e renúncia ofuscada em nome de uma família que elas não conseguem se sentir amadas, seus companheiros não as entendem, são represadas, excluídas, submissas e obedientes. O poder patriarcal é intenso, o homem manda e é servido pela figura feminina. É a representação de uma cultura periférica, constituída pela relação do próprio grupo social, onde estabelecem as regras ajustadas ao que vivem, domínio masculino é

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Humanas pela Universidade Tuiuti do Paraná. Graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica. Professora do Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

<sup>2</sup> Doutora em História da Literatura e Literatura Comparada. Professora do Departamento de Letras, UNEMAT/Sinop/MT.

eleito como a lógica do sistema do grupo. “Os sistemas historicamente existentes não se podem ter originado senão de efervescência do relacionamento dos indivíduos e dos grupos sociais; mas ao mesmo tempo regulam esse relacionamento” (RODRIGUES, 2006, p. 19).

A narrativa sobre as mulheres aqui investigadas pretende discorrer sobre a memória, para isso utilizar-se-á de algumas contribuições deixadas por Halbwachs (1990) em sua análise sobre memórias coletivas como recurso, e repensar até que ponto tem-se consciência dos comportamentos, do passado e das identidades; como a memória individual, ao se reconstruir, apropria-se da memória coletiva e como essa memória coletiva pode auxiliar no processo de construção da identidade individual, pois, conforme Halbwachs, a memória individual está amarrada à memória do grupo, que por sua vez, está ligada à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calçado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo no campo simbólico.

[...] porque geralmente a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e simplesmente. Assim, a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa desperta somente quando eles já estão muito distantes no passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conservem alguma lembrança (HALBAWACHS, 1990, p. 80).

De acordo com o autor, a memória se modifica e se rearticula conforme a posição ocupada e as relações estabelecidas nos diferentes grupos de pertencimento. Também está submetida a questões inconscientes, como o afeto e a censura, assim como as memórias individuais de certa forma alimentam-se da memória coletiva e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBAWACHS, 1990, p. 54).

Essas trocas se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem da linguagem. A linguagem é o instrumento socializador da memória, pois, reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho as lembranças e as experiências recentes. É interessante ainda apontar que a memória é um objeto de luta pelo poder travada entre classes, grupos e indivíduos.

As procedências e os meios dessas famílias são sempre os mesmos, uma vida sem projeto, mas com aceite do estabelecido, porém a mulher segue sendo vítima dos pais, depois dos maridos e também no final da relação da sociedade, que a conduz pelos costumes, pelas culturas e pelo machismo. Ao mesmo tempo em que os casamentos dessas sociais retratam a tristeza, mas por outro lado falta direcionamento de poder entender e de ter a coragem e a força de rebelasse por ser o gênero homem/mulher constituído por valores diferentes e a mulher sendo um ser inferiorizado. A mulher moderna, segundo Lucena (2003, p. 120),

Deve possuir novos conhecimentos, comportamentos e atitudes para assumir novas tarefas e responsabilidades como membro da comunidade e agente de mudança no sistema social. Deve ser capaz de lidar com a baixa e auto-estima, auto-imagem negativa, auto-aceitação, isto é, trabalhar com sentimentos como afeto, o autoritarismo, a afetividade. Deve ter sólido equilíbrio emocional para ser capaz de lidar com todas as situações que surgirem, te “cabeça feita” no sentido de não se envolver emocionalmente com as decisões que deve tomar.

Nos seus discursos, as mulheres investigadas, não contemplam esse perfil, vivem a margem do controle de suas emoções, não conseguem lidar com essas novas tarefas, elas reproduzem o cotidiano, aquilo que aprenderam com suas mães é revivido nas suas filhas e filhos. Vivem sós, mas não se sentem livres e autoconfiantes diante do exposto a sua condição de vida. Apresentam dificuldades para gerir-se. É visível a estima abalada, são descuidadas, parece que os sonhos se perderam no vão do abandono. Aqui, o conceito de gênero possibilita ver o que há de comum entre as mulheres, porque mostra como mulheres e homens estão no conjunto da sociedade. Aponta ainda a forma como cada mulher individualmente vive essa condição.

Por “gênero”, entende-se o discurso sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1998, p. 15).

Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado a respeito dessas mulheres que deixam evidente a vontade de se libertar dessas prisões familiares, falam em trocar de homem, porque deve haver outro que a veja como mulher, mas ficam nas falácias. Retornam para suas casas e repetem o ritual doméstico, perdoam e parece que devem passar pela submissão e desprezo, porque são mulheres, mesmo que se digam superiores, são passivas e inferiores aos seus homens na anatomia, e emocionalmente.

São mulheres que buscam uma identidade, mas são tolhidas por uma cultura discriminatória, enquanto outras, num mesmo tempo, embora espaço diferente conquistaram igualdade de gênero e profissional. Já as pesquisadas, trabalham unicamente porque precisam sustentar seus dependentes, é uma obrigação, um fardo, e por isso não fazem questão de se especializar, mudam de emprego por questões de ajustes momentâneos, não tem planejamento é uma memória periférica. Dizem-se cansadas e se fosse pela escolha delas, ficariam em casa reclusas do domínio de seus maridos e respondendo pelos ofícios domésticos, mas o abandono e a renda familiar são impróprios e não podem contar com a regularidade de seus companheiros, eles não conseguem prover a família, não tem uma qualificação profissional e paralelo há a dependência química, que os tornam vulneráveis e sem renda.

Não conseguem trazer os esforços para a prática do dia-a-dia e a coragem chega só até as tristezas conduzidas do cotidiano, sem, no entanto a oportunidade de tomar decisões pelo fato da impotência que a vida lhes reservou. Mesmo que a figura masculina não tenha importância para suas vidas, mas não se sente segura em abandonar o parceiro, muitas vezes por falta de coragem, das religiões controladoras, as culturas machistas e também por piedade aos que reparte os pequenos espaços do cotidiano, visto como sagrado culturalmente e religiosamente.

Os indivíduos seguem muitas vezes modelos culturais de conduta que não conhecem e que não podem descrever. Frequentemente desconhecem os contornos, os limites e as significações dos comportamentos que adotam e que estão sempre implícitos nesses comportamentos mesmos. Estes modelos exteriores à consciência dos indivíduos estão, é claro, fora de suas preocupações explícitas: não pensam sobre eles e os têm como garantidos e estabelecidos, assumindo que são universais (RODRIGUES, 2006, p. 42).

São mulheres que vivem um mundo subjogado, no entanto não conseguem explicar porque vivem aquele formato de comportamento, seguem um modelo, um paradigma, seus significados não são explicitados, porque não os conhecem, apesar de vivê-los, são fatores externos a capacidade de consciência delas, apenas relatam fatos concretos, mas não correlacionam com a vida social do ambiente onde vivem. Suas histórias se repetem na casa vizinha com outra mulher, o que gera certa 'normalidade' no arquétipo feminino. É uma cultura que se ajusta e se reconstrói as novas instâncias e cria sentidos, porque determina um modo de comportamento identitário do grupo, a partir das condições criadas e adaptadas a representação social. São, portanto, elementos de uma memória individual e coletiva porque,

São os acontecimentos vividos pessoalmente [...] são acontecimentos vividos por tabela, ou seja, acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no

imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada (POLLAK, 1992, p. 02).

Num momento onde se discute e negocia valores sociais e culturais entre homens e mulheres sob uma perspectiva dialógica de convivência, sem a fixação de papéis masculinos e ou femininos, no ambiente pesquisado, ainda se dissemina comportamentos contrários, onde as atorras sociais vivem uma relação de violência anestesiada, silenciada. Elas denunciam suas agruras a outras mulheres, fazem juras que não retornarão para convivência marital, mas se fragilizam e retornam para casa, como se fossem obrigadas. Denunciam seus maridos à polícia, são detidos, mas aceitam passivamente o retorno deles e o ciclo da violência se perpetua.

Homens e mulheres radicalmente modernos argumenta GIDDENS (1993, 1996), negociam seus papéis e esta negociação só é possível se houver um grau de flexibilidade dos pares em relação aos papéis sexuais e sociais de ambos. O oposto do diálogo, nesta perspectiva, é a violência. E a causa desta violência é localizada no "fundamentalismo de gênero", ou seja, na fixidez dos papéis atribuídos ao ser masculino e feminino e às suas atribuições, tratando-se de um tipo de conservadorismo que leva a uma rigidez que impede a construção de uma relação mais reflexiva (SOUZA, 2001, p. 01).

A conquista da moradia é outro aspecto que mobiliza profundamente as mulheres, chefes de família ou não. Vários estudos vêm apontando a centralidade do projeto de aquisição da casa entre a população de baixa renda. A casa significa uma forma de proteção social, num contexto de adversidades, representando a materialização dos esforços de melhoria de vida, uma garantia mínima numa vida cheia de incertezas.

As mulheres pesquisadas vivem em espaços urbanos constituídos a partir de invasões, são ambientes deslocados e sem infraestrutura, situadas na periferia de Curitiba, conhecida como Favela da Portelinha local cercado de violência de todas as ordens, a começar pela situação do capital, são sem tetos, despossuídas e excluídas pela própria imagem que a cidade (Curitiba) gerou, atraindo uma enormidade de pessoas, oriundas de pequenas cidades ou do campo ou roça, portadores de uma cultura machista e de dominação arraigada.

Nesse processo, as mulheres desempenham um papel estratégico, pois junto com as crianças compõem a "linha de frente" que garante a ocupação ininterrupta do espaço. Invadem, se apossam de uma área de terra pequena e montam barracos improvisados para garantir a posse. Houve confrontos, tentativas dos proprietários em reaver o terreno, mas um grupo de

interessados se manteve perseverante, foram expulsos, mas retornaram após alguns dias. Apossam-se via insistência, vivem uma lei própria, dividem seus lotes e se instalam com suas famílias ou pseudo-famílias, são locais normalmente de relevo irregular e úmido, sem saneamento, imundos, incompatíveis as condições dignas da vida humana. As construções são provisórias no aguardo de legalização ou possíveis expulsões, visto que não são proprietários, apenas se instalaram, mas com o tempo, depois de muitos confrontos, muitos conseguem se efetivar nos espaços, já que os momentos de turbulência e fiscalização das autoridades vão tomando uma dimensão de abandono do local e as pessoas passam a se apropriar, embora sejam áreas incompatíveis a vida, pequenas e inseguras, onde a casa do vizinho se agregada a do lado. São residências com várias pessoas e as mulheres são na maioria as provedoras, pois parece que o espaço físico subjogado é transferido ao humano. Assim, a participação das mulheres na realização do projeto da casa é vital para a família, pois esta se amplia na geração de renda para o processo de autoconstrução das casas, fazendo-se ela própria, às vezes, de "pedreira", a despeito das ideologias de gênero que sexualizam determinadas atividades considerando-as como "femininas" ou "masculinas", como é o caso da construção civil.

Das seis mulheres entrevistadas serão estudadas três as quais serão nomeadas por letras A-B-C, suas idades compreendem de 36 a 77 anos, todas com filhos e experiências conflituosas em seus relacionamentos, seus homens são dependentes químicos, maioria álcool. Para o estudo, adotou-se a metodologia da história oral, ouvindo as histórias de vida delas, com algumas questões direcionadas, mas deixando que falassem livremente sobre suas vidas do submundo geográfico, social e afetivo por elas conhecido.

A história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber. Dessa forma: a razão narrativa desemboca no saber contar um fato real ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas, que não retornam mais (DELGADO, 2006, p. 44).

A propósito adotou-se essa metodologia com o intuito de pesquisar as narrativas compartilhadas pelas entrevistadas, pois no ato de contar, vários recursos traduzem informações para investigação, como: fala, troca de olhares, gestos, silêncio, emoções, manifestados no ato da entrevista. São registros únicos e singulares que integram a memória individual da trama de vida, na verdade são identidades e memórias falantes que recordam os movimentos do espaço por elas vivido. “o ato de lembrar insere-se entre as possibilidades múltiplas de registro do passado,

elaboração das representações e afirmação de identidades construídas na dinâmica da História” (DELGADO, 2006, p. 46).

Os relatos das mulheres autorizam um diálogo com o tempo e espaço por elas vivido na estratificação geográfica, social e cultural. Permite um entendimento da imagem vista e percebida, não apenas como um observador, mas adentrar no submundo feminino da periferia urbana com suas significações e experiências diversificadas, mas simultaneamente idênticas, são atoras sujeitos da reconstrução identitária de mulheres excluídas socialmente, devido a sua condição periférica. “As identidades são representações coletivas contextualizadas e relativas a povos, comunidades, pessoas, já que a humanidade não é genérica nem caracterizada por universalismo abstrato” (DELGADO, 2006, p. 61).

O relato da mulher (A) de 36 anos é complexo, ao mesmo tempo em que sofre as angustias de um casamento falido e desastroso, ela sente pena do seu homem. Sua aparência física traduz mais idade da real, sem profissão, um comportamento intempestivo, fala compulsivamente, como se precisasse vomitar num ímpeto suas agruras. Gesticulava acompanhando a velocidade da sua fala, expressava uma impaciência descontrolada como se quisesse varrer os homens da sua vida. Casou aos 16 anos de idade, já grávida, segundo ela, “brincou desde os 14 anos até engravidar”. Ela perdeu a mãe aos 13 anos e vivia com o pai e o irmão um ano mais velho. Estudou até 7ª série. A casa de seus pais era constituída de três cômodos, cozinha quarto e banheiro, construída com tábuas velhas e de estrutura frágil e sem uma arquitetura planejada, era toda irregular. Continua sendo a mesma onde mora o pai.

Conheceu seu marido, com idade próxima a dela, na convivência do cotidiano, era seu vizinho. Ele era resultado de uma relação anterior do seu pai e quando este constituiu outra família, levou o filho que foi criado pela nova companheira. A nova família foi composta por uma dezena de filhos. O pai era um homem agressivo e alcoólatra. Sua nova mãe para garantir o sustento dos filhos pequenos e do seu homem pedia esmolas no centro da cidade e levava consigo suas crianças, não tinha com quem deixá-las, mas também funcionava como um amuleto para convencer as pessoas a doar.

A mulher (A), grávida, não formalizou seu casamento e foi morar próximo dos seus familiares, num aglomerado de casebres com o seu homem dos sonhos. Mas não tem certeza se o seu filho é desse homem, porque namorava dois. Construíram um barraco e tiveram dois filhos, hoje com idades de 21 e 18 anos. Seu marido um alcoólatra e fumante compulsivo não têm

compromisso, passa dias bebendo, perde a noção de que tem uma casa e uma família. Quando a sogra percebe que o filho está descompensado pede que retorne a casa materna, assim ela o convence para que vá a igreja e promete que Deus irá mudar a sua vida, na tentativa de acalmar a nora.

A pesquisada no dia da entrevista informou que abandonara sua casa há uma semana e voltou a morar com seu pai, continua no mesmo casebre, sua casa suja, seus moveis velhos, sem condições de uso, sem cama para dormir, passou três dias na casa do irmão que fica ao lado, mas percebeu que era um incômodo e comprou um sofá bicama usado e sobre ele colocou um colchão velho para conseguir dormir, sua cama durante o dia vira sofá na casa velha do seu pai.

Foram muitas ameaças de deixar a casa durante seus 21 anos de convivência com seu homem, mas dessa vez ela pediu que ele saísse, ele não saiu, está numa condição subumana provocada pela dependência química, foi quando ela deixou a casa, mas na sua fala percebia-se que exterioriza um pensamento, mas vivia outro, ou seja, quer seu homem ao seu lado, mesmo relatando que ele não trabalha, não contribui em nada, só bebe e seus companheiros da “cachaça” iam a sua casa fazer cobranças deixadas por ele nos bares da periferia.

Seu homem e seus dois filhos continuam na casa da família, segundo ela deixou as contas do mês pagas (água, energia), então aparentemente está tudo bem com eles. Seu filho mais novo ligou para que ela fosse lavar a roupa deles e limpar a casa. A mulher ficou indignada, e falou “eles só me querem de empregada, to cansada dessa vida”. Mas para o filho ter essa atitude, visualiza-se o reflexo da educação dada por ela. Sua submissão e o trato com a educação masculina, onde homem pode tudo, e mulher vive para servi-los. Mulher seria um segundo sexo, como afirma Beauvoir,

Sto. Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser "ocasional". É o que simboliza a história do *Gênesis* em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um "osso supranumerário" de Adão. A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. "A mulher, o ser relativo...", diz Michelet. E é por isso que Benda afirma em *Rapport d'Uriel*: "O corpo do homem tem um sentido em si, abstração feita do da mulher, ao passo que este parece destituído de significação se não se evoca o macho... O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem". Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro (1). (BEVOUAI, 1980, p. 10).

Seu filho de 18 anos já é pai com uma jovem de 17 anos, porém não vivem mais juntos, ele não quer mais a mãe do seu filho. Ela voltou a morar com os pais. O Bebê estava no dia da entrevista com seis meses de vida. Já esteve muito doente com complicações pulmonares. A pesquisada, agora avó, não se satisfaz em assistir a educação do neto, quer se apropriar dele, disse que a doença do neto foi causada pela nora que não sabe cuidar da criança, inclusive já a agrediu fisicamente e afirmou que não conversa com ela, mas na sua concepção, seu filho é um pai presente, compra fraldas e leite.

Aqui se tem a representação do círculo da história vivida pela pesquisada na adolescência, ela transfere suas experiências a família. Mesmo sendo uma sofredora, traduz que a nora é o problema, seu filho é perfeito, é a figura clássica da dominação masculina, do herói de cuecas, ele não tem obrigação de cuidar do filho, e acredita que basta suprir pequenos bens materiais e seu compromisso já está resolvido. É a anulação da mulher sobre si própria, sofre, mas quando é seu filho, reproduz a inferioridade feminina.

A mulher “A” expressa a imagem de mãe compadecida, seu filho trabalha é honesto, é bom. Na verdade, é um jogo de contradições, ao mesmo tempo condena a submissão e o desrespeito do filho com ela, quando exige que lave suas roupas e faxine a casa. No entanto, reproduz na figura da nora a simbologia de que ela deve se submeter ao que o seu filho impõe, ou seja, reprova e aprova as mesmas atitudes do filho, mas transfere de mulher, quando é com a nora, a dominação masculina deve se fazer valer. Mas com ela não, razão pela qual saiu de casa.

A pesquisada não consegue permanecer nos empregos, estava trabalhando num caixa de uma frutaria, mas sem motivos aparentes, abandonou o emprego. Agora está num conjunto de lojas populares que ela denomina de shopping e se diz muito feliz, embora pegue dois ônibus para chegar ao trabalho, enquanto o outro emprego ficava próximo de sua casa.

Vive uma instabilidade econômica, porque a cada mudança fica um período sem trabalho, mesmo que sejam dias, para quem tem uma renda mínima, faz a diferença, provocando ainda mais a miserabilidade. Sua renda permeia a mínima exigida pelas leis trabalhistas, mas agora que está “separada” do seu homem, diz que irá financiar um carro zero km, (ela não é habilitada e nem sabe conduzir um veículo).

É a tentativa de se mostrar forte, superior, porque vê seu homem passando pelas ruas com o carro usado que ela ajudou a pagar as prestações, embora esteja com muitas prestações atrasadas com busca e apreensão do veículo. Disse que ela e os filhos irão alugar uma casa e o

casebre dela será alugado, e seu homem voltará a morar com a mãe, a qual continua vizinha de seu pai. Uma senhora convertida a uma igreja que cura tudo, até deixou de pregar seus rituais pagãos, como charopadas, simpatias, benzimentos e vive com outro homem, já que faleceu o pai de seus filhos, mas foi uma espécie de transferência de problemas de “homem”, porque logo arrumou outro e o atual passa o dia sentado num toco de madeira em frente da casa, (casebre). Como não casou com ele, afirma que sua igreja, não permite que ela durma com um homem com o qual não seja casada, embora já tenha dormido muitos anos juntos, mas a conversão é mais recente e não permite o pecado da carne.

Diante do exposto, percebe-se como a vida dessas pessoas é cíclica, pais, sogros, noras, netos, conviventes, os fatos se repetem, mesmo as tragédias não permitem um novo diálogo com a vida, repete-se, mulheres alicerçam a família e não conseguem educar de forma que os filhos tenham uma educação diferente das suas. Vivem terremotos emocionais, oscilam constantemente, os conceitos e valores aceitos por essas mulheres, daqui a alguns minutos podem não servir mais, vivem o aqui agora, sem planejamento, fazem filhos como se fossem máquinas, senão não são mulheres. Criam seus filhos sozinhas. Não aceitam a ideia de ficar sem um homem. Isso retrata a supremacia masculina. Eles, segundo Bevoaur são percebidos como superiores, e se referem ao feminino como as mulheres, e assim elas também assumem sua definição, raramente se intitulam como “nós” como se projetassem nelas o outro.

O homem que constitui a mulher como um *Outro* encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de *Outro*. (BEVOAUIR, 1980, p. 15)

Essa questão da mulher ver-se como o outro anula sua identidade, vive o que projetam para ela, fica refém de uma vida externa a ela. Projeta no homem a sua proteção imaginária, como algo sagrado, indissociável, os deuses da criação feminina, já foram instituídas como parte de alguém, porém com o advento da contemporaneidade, com paradigmas mais livres, essas mulheres pesquisadas deveriam projetar-se como “elas”, com sua autonomia e capacidade, no entanto, referencia-se uma situação desconectada, pairadas num tempo conflituoso, como se ainda vivessem os estereótipos de um cosmos com um “*axis mundi*” chamado homem, sendo ele o centro do mundo, a representação simbólica do poder do dizer e fazer. Diante disso, buscam

refúgio nas crenças religiosas, num Deus que é pai (figura masculina) a fim de amenizar suas agruras da dor solitária e o fortalecimento para se manterem vivas.

Também sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por Excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento. (BOURDIEU, 2002, p. 05)

Algumas migram de igreja quando percebem que seus homens não retornam, ou suas histórias se repetem em outros relacionamentos, na tentativa de encontrar um homem ‘verdadeiro’, um companheiro, que provenha a casa, e possa mostrar as outras mulheres que tem um homem que a proteja. Porém as pesquisadas vivem um círculo de vida quase impossível de concretizar esse ser masculino, devido à condição de insustentabilidade social, cultura e econômica. Logo suas histórias se repetem.

De uma forma geral, se percebe que a questão que mais dificulta uma perspectiva a qual contribua para a equidade de gênero é o fato das mulheres são praticamente invisíveis para os gestores desses órgãos e, quando são vistas, o são apenas sob o ângulo de sua participação na esfera da reprodução e, ainda assim, de uma forma bastante restrita. O caso das mulheres chefes de família é bastante elucidativo dessa omissão do Estado e de seus gestores sobre a situação e as necessidades das mulheres: estas sequer chegam a ser reconhecidas como mantenedoras de seus domicílios, particularmente quando não são oficialmente viúvas ou divorciadas e estão na condição de solteiras, separadas ou com múltiplas parcerias temporárias ou ainda é agravado por fatores restritivos como a precariedade de vínculos com o mercado de trabalho e as baixas remunerações.

A senhora “B” de 56 anos, analfabeta, migrou do norte do Paraná, em 1979, porque a agricultura não provinha o sustento da família. Oriunda de uma família composta por 17 irmãos, destes 13 mulheres. Seu ex-esposo comprou um terreno em sociedade com o cunhado e o dividiram. Ela teve três filhos, dois homens e uma mulher, diz que os dois homens não deram problema algum, já a filha não sabe o que fazer, e acusa o pai como o culpado, porque repassava dinheiro para ela sair, ia ao boteco onde estava o pai e conseguia. A filha de 24 anos assim se refere ao pai “Sou filha de maloqueiro, maloqueiro tem que ser”. A entrevistada procura explicar que não é culpada pelo descompasso, assim entendido por ela sob o comportamento da filha, hoje no terceiro casamento, três filhos, primeiro marido, morte súbita, segundo está no presídio e

terceiro não trabalha, e a filha somente busca trabalho na emergência, hoje num lixão próximo a sua casa.

Quando questionada sobre o que é ser mulher, pensou, fez uma pausa, olhou para o vazio e disse “Sou uma guerreira, sou sozinha, depois de véia tenho que trabaiá, cuidar do neto. Nunca andei no carro novo do ex”. Ela não esquece o ex-marido, o tempo todo volta a falar sobre ele. Expressa a magoa da nova mulher dele usufruir o que deveria ser dela. Evoca a memória individual vivida com seu ex-marido, são lembranças presentes, que ao recordar sua história pelas questões da entrevista, reacende com lágrimas que brotam dos seus olhos. “Nas lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões, são de ordem sensorial” (POLLAK, 1989, p. 08).

Segundo ela, quando casou foi festa com foguete, casou na igreja e no cartório, foi casamento de verdade. Conhecia seu marido desde seus oito anos de idade, eram vizinhos. Achou que seria para sempre e nunca aconteceria com ela ser trocada por outra mulher. “No meu sistema eu pensava assim: casamento, vestida de noiva, foguete, mas é mentira, é só falsidade, é furada.” (“B”). Atribui o fato a vida urbana, visto que na cidade tem muita mulher fácil, e seu marido virou “galinha”. Depois de velho, conforme seu relato, a deixou para viver com uma mulher bem mais jovem, mas antes teve casos e casos, inclusive com a sogra da sua filha, e resolveu o problema da traição no “braço” espancou a ‘amante’. Ou seja, a culpada era a outra, seu marido “Era carinhoso, fazia compra e pagava conta. Comprava sacolona de carne. Ele usava roupa social e bigode. Agora só usa roupa jovem e tirou o bigode [...] ela deu uma gargalhada”. Explicou que bigode é para homem sério que usa roupa social. Ainda afirma, quando meu ex vem, me abraça, não beija, compra almoço para neto. Em todos os momentos de sua fala ficam diluídos seu amor eterno pelo homem com quem casou.

Ela tenta explicar que seu homem perdeu a identidade, não sabe se comportar como uma pessoa da idade dele, mas na verdade ele está se ajustando aos novos paradigmas do seu relacionamento. “Nenhuma cultura existe em estado puro, sempre igual a si mesma, sem ter jamais sofrido a mínima influência externa” (CUCHE, 2002, p. 137). O homem vive uma nova relação com uma cultura diferente por questões de geração e social. mas a entrevistada não consegue absorver esse momento de sua vida, afirmou que é casada. Hoje vive para seu neto, filho do primeiro casamento da filha e expressa felicidade quando reproduz a fala do neto, que o

cuidará para sempre, e lhe dará uma casa. De alguma forma projeta em outro homem a sua esperança.

Para (“B) quando questionada sobre a importância do homem na vida das mulheres, disse: “Eu não sei não. Os homens trata as mulhé como empregada. Ele foi um encosto, só me fazia passar nervoso, mas eu não falo que não gosto dele como pai dos meus fiô. Ele disse para neto que não me quis mais porque engordei e tenho cabelo curto”. Eu era bonita quando sai da casa de minha mãe”. Ou seja, a entrevistada se justifica que sua beleza lhe foi tirada pelo casamento, era uma serviçal, mas em contrapartida deixa, transparecer no seu olhar, se emociona, lagrimas escorrem na sua face, o seu amor pelo ex. Diz que ele se enganou e a chamou de amor, cobrou porque nunca foi chamada assim. Ou seja, ele se enganou, referia-se a atual companheira.

Afirmou que amava três pessoas, sua mãe, seu marido e o neto, já perdeu a mãe e marido, agora jamais poderá ficar sem o neto. Percebe-se a tristeza no seu semblante. Afirma que trabalha de diarista para sustentar o neto, aliás, sempre trabalhou desde que veio para Curitiba porque os recursos sempre foram escassos e para complementar a renda, vende ferro velho, latinhas, faz pão, sabão de álcool. Troca garrafa pet por verdura. É a visão da mulher que precisa trabalhar para prover a casa, embora ainda deixe transparecer que compete ao homem o sustento da família e cobra do ex-marido a contribuição, porque segundo ela, é a mãe dos filhos dele. A sua justificativa fica presa a condição maternal, a condição que mãe é frágil e angelical.

A senhora registra no conjunto de linguagens a sua cultura, o seu comportamento diante da condição de ser mulher sozinha e precisa trabalhar, um homem dificilmente assinalaria com tanta frequência a sua necessidade de trabalhar, pois para ele é um processo natural na vida masculina, o trabalho é sinonímia de compromisso, competência e responsabilidade. Na verdade, sente-se realizado quando tem um emprego, uma profissão, já as entrevistadas deixaram as marca de um fardo pesado, uma obrigação e não satisfação pelo que fazem, pois não investiram numa profissionalização, apenas projetaram no homem a sua condição de pessoa inserida num território subjulgado a dominação masculina.

A cultura, distintivo das sociedades humanas, é como um mapa que orienta o comportamento dos indivíduos em sua vida social. Puramente convencional esse mapa não se confunde com o território: é uma representação abstrata dele, submetida a uma lógica que permite decifrá-lo. Viver em sociedade é viver sob a dominação dessa lógica e as pessoas se comportam segundo as exigências dela, muitas vezes sem que disso tenham consciência. Podemos, então, inferir que se a vida coletiva, como a vida psíquica dos indivíduos, se faz de representações, ou seja, das figuras mentais de seus componentes (RODRIGUES, 2006, p. 19).

Essas considerações refletem a compreensão de gênero como parte da construção da identidade dos sujeitos seja do sexo masculino, seja do feminino. É essa relação dialética entre os indivíduos e a sociedade a responsável pela formação da identidade como processo social e só pode ser compreendida em conexão com a produção das diferenças, pois a sua construção social se produz sempre num contexto caracterizado pelas relações de força. A identidade e a diferença são fabricadas nas relações sociais e culturais.

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2009, p. 97).

A terceira entrevistada, aqui denominada de (C) é uma senhora de 77 anos, teve 13 filhos, dos quais apenas 05 sobreviveram, as adversidades vividas. Migrou para Curitiba na década de 60. Ficou num albergue, depois montou um barraco as margens do rio Barigui, fala com orgulho que foi a primeira moradora. Hoje um espaço todo ocupado irregularmente, com um forte cheiro da água poluída do rio. E quando chove, a preocupação é grande, pois como diz ela, a água podre pode entrar na casa. Segundo ela: “não tinha casa, como não podia pagar aluguel, vim para Curitiba num albergue. Eu tinha uma filha e fiquei uma porção de tempo lá [...] tinha um senhor que cuidava de uma área perto do rio. Ele disse que falaria com o prefeito. No dia seguinte, ele disse que tinha arrumado a casa. Era tudo banhado...”. Ou seja, na sua exposição fica a preocupação em encontrar meios de afirmar a legalização do espaço para onde foi morar com o marido e a filha.

Filha adotiva de uma senhora proprietária de uma boate no interior do Paraná, sua educação foi num convento religioso interno. “mãe de criação muito boa. Me protegia. Ela só tinha uma filha, não tinha marido, era viúva. Tinha uma boate. Tinha Show”. Entende-se que a boate agregava um ambiente de profissionais do sexo. A entrevistada não aceita descrever o bar, apenas frisa se fazia show e muda de assunto. Isso caracteriza o preconceito diante das casas noturnas de mulheres, mesmo fazendo parte, é como se tentasse negar o vivido, porque há uma preocupação em manter uma imagem sob o olhar do outro. Mesmo que seja, um comércio público, a mulher procura ocultá-lo. Ela diz em relação a ser mãe. “Cuidar dos filhos direitinho, ser uma mãe exemplar, não bater, dar conselhos, ser pessoa de respeito, não falar certas coisas

perto de certos homens e mulheres”. Na verdade ela trabalha com um conceito padrão sobre como ser mãe, aquilo que convencionalmente se denominou a função materna e feminina. Mas ela afirma “eu ainda gosto da coisa é dá uma risada”. Parece que a intenção é fugir, desdizer a sua base familiar, deixa claro o seu gosto pelo sexo, falava como uma senhora permeada por esteriótipos de família, e do nada, sai com a fala sobre desejos sexuais, em seguida retoma o relato sobre seu marido, aliás, ela o intitula assim, mas a deixou.

Fala com orgulho que estudou até a 8ª série, foi professora, tocava piano, como se dissesse, vivo aqui porque não tive sorte, mas sou uma senhora de bem. Também ficou implícita a sua condição de vida transportada de culpabilidade ao marido, um homem alcoólatra que veio a falecer aos 35 anos de idade. Afirmou: “Meu marido bebia e fazia *tedeu*, era mais velho. Juntou com amigos e bebia. Eu trabalhava depois ele arrumou emprego, Minha patroa me ajudava, comprava comida no exército. As crianças tinham que se esconder. Bebia todo dia, morreu de tanto beber. Eu esperava ele dormir pra entrar em casa. Eu colocava ele pra dormir depois chamava as criança”. As crianças e ela viviam com medo, eram expulsas de casa por um ser que se intitulava pai e marido. Era violento quando bebia, mas como sempre estava embriagado e a violência era constante.

Na verdade, os problemas dessa mulher, não eram somente do homem violento, mas envolve movimentos ocorridos pelo conjunto de circunstâncias vividas. A segregação da sua vida ocorreu pelas transformações nos movimentos de transição desde a sua condição de transferência para adoção, foram vários abandonos ao longo da sua vida, a ausência do marido em função do álcool, a sua morte, bem como dos filhos ainda pequenos, por doenças e fatores que ela não soube explicar, três casamentos desfeitos, saudades do último marido, a qual afirma ser muito bom para ela, mas foi embora porque uma vizinha é “vagabunda”.

A história da humanidade, em sua realização, constitui-se pela inter-relação de fatos, processos e dinâmicas que, através de movimentos dialéticos e da ação de sujeitos históricos, individuais ou coletivos, transformam as condições de vida do ser humano ou se empenham em mantê-las como são (DELGADO, 2006, p. 15).

Hoje, uma senhora idosa, numa cadeira de rodas, com uma perna amputada, traduz um semblante depressivo, e afirma “quando a gente é feliz, mas quando não é feliz dá vontade de sumir, meu marido bebia, e esse agora (ele a traiu e deixou por uma mulher jovem) 18 anos. Ele se engraçou com a mulher da casa amarela ali da esquina. Comprei carro para ele usar. Ele não recebe salário tá encostado”. É um homem de 45 anos, não tem profissão, vive sob o sustento da

aposentadoria da entrevistada. Ela diz amar aquele homem, “ele levanta, faz café, almoço, faz o prato. É nervoso, mas faz isso pra mim, bate roupa na máquina, ele me ajuda bastante”. Para ela basta.

Em virtude do contexto da história pessoal das mulheres entrevistadas, tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade – as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento – seja esse nascimento, adolescência, ou maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida.

Somos o que somos porque pertencemos a uma determinada classe social, cumprimos determinadas funções sociais e por isso temos que desempenhar certos rituais, tantas e tantas vezes que por fim, a nossa cara, a nossa maneira de pensar, de rir, de chorar... acabam por adquirir uma forma rígida, pré-estabelecida, uma máscara social. O corpo revela uma personalidade, uma cultura e por extensão, uma sociedade (LOURO, 1997, p. 26 e 27).

As identidades estão sempre se construindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.

## REFERÊNCIA

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar** - Textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. A experiência vivida. Tradução Sérgio Millet, 3. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CONFORTIN, Helena. *In*: LUCENA, Maria Inês. **Discurso e Gênero**: a mulher em foco. São Paulo: Átomo, 2003.

DELGADO, Lucilia. **História Oral** – memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

LUCENA, Maria I. **Representações do feminino**. Campinas, SP: Átomo, 2003.

PERROT, Michelle. **Os Silêncios do Corpo das Mulheres**.

Disponível: <http://boasaude.uol.com.br/lib/showdoc.cfm?libdocid=3525&fromcomm=4&commrr=src>. Acesso em: 28 fev. 2019.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro: 1989. Vol. 2, n 3, p. 3 -15.

RODRIGUES, José C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

ROMERO, Elaine. **Corpo, Mulher e sociedade**. Campinas, SP: Papius, 1995.

SCHVARZMAN, Sheila. **Entrevista Com Michelle Perrot**. Disponível: <http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/pagu04.03.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUZAS, Raquel. Da negociação às estratégias: relações conjugais e de gênero no discurso de mulheres de baixa renda em São Paulo. **Saúde e Sociedade**. São Paulo. vol. 10. ago/dez 2001.